

A PRODUÇÃO CRIATIVA NA ARTE E NA DOENÇA

Juliana Corrêa

Observando a biografia de escritores, pintores, poetas e artistas em geral, percebemos que um elo que os une é a criatividade. Alguns desses artistas tornam-se indivíduos criativos de um modo bastante específico, ao acessarem as camadas mais profundas da psique.

Tal acesso às profundezas da alma também é comum à psicose e, de fato, muitos indivíduos criativos famosos apresentam sintomas neuróticos e psicóticos, em maior ou menor grau. Existe, assim, uma relação evidente entre a arte e a doença mental.

De acordo com a psicologia analítica, o artista é um indivíduo que possui determinada permeabilidade entre consciente-inconsciente. Embora outros indivíduos também apresentem tal permeabilidade, no artista os conteúdos gerados pelo inconsciente são trazidas à consciência através da arte.

Jung faz distinção entre a arte produto da neurose, que segundo ele é permeada de conteúdos pessoais, e a arte cuja fonte está no inconsciente coletivo. Nos casos em que a arte é produto de uma neurose o artista busca inspiração em seu próprio inconsciente pessoal, porém essa fonte de inspiração pode se extinguir com a dissolução dos conflitos.

Com esse tipo de arte Jung foi bastante impiedoso, dizendo que deveria ser relegada ao "método purgativo freudiano" (SIC) sem remorso, e que "A neurose não cria arte. Ela é não criativa e inimiga da vida. Ela é o fracasso e a não-realização." (JUNG: 2001, p. 337). Tal espécie de arte teria mais afinidade com os sintomas do que com os símbolos, e assim, pode ser totalmente reduzida à biografia do próprio autor.

Embora detenha muitos méritos, muito da obra de Woody Allen, por exemplo, baseada em seus conflitos pessoais, poderia desvanecer caso tais conflitos fossem sanados. Contudo, a criação originária dos extratos mais profundos da psique não pode ser esgotada tão facilmente: "A resolução de qualquer repressão jamais poderá destruir o que é realmente criativo" (JUNG: 1981, §206).

Neste segundo tipo de arte, de conteúdo simbólico e, sobretudo universal, Jung depositava maior interesse. O conteúdo da arte proveniente do inconsciente coletivo não tem sua origem nos sintomas ou numa repressão, pois jamais passou pela consciência, e suas imagens pertencem ao patrimônio comum da humanidade. É exatamente por esse motivo, que essa espécie de obra de arte nos sensibiliza de forma tão arrebatadora, pois está repleta de significados e experiências comuns a todos.

A arte do inconsciente pessoal, por outro lado, geralmente não resiste, não é deixada à posteridade, principalmente diante da velocidade vertiginosa das informações na época atual. As artes fruto da neurose são sombras que passam e se vão; mas há aquilo que fica: o tempo conserva o que realmente possui valor. Não cultivamos a leitura de obras desconhecidas do passado, mas de clássicos dignos de aprofundado estudo, pois os símbolos que eles portam transcendem a sua época. Assim, podemos ser mais críticos com aqueles que atribuem seu insucesso à "falta de oportunidades" de um ambiente inoportuno.

De fato, o meio de muitos criadores brilhantes como Van Gogh e Goya foi injustamente árido. Entretanto, tal fato muitas vezes tem servido de justificativa a uma igual falta de talento, ou até a um excesso de "talento" neurótico.

O homem verdadeiramente criativo não se beneficia da neurose, porém não pode se abster da criação, na medida em que o impulso criativo é mais forte do que ele. Conforme comenta Jung, não se trata, nesse caso, de um "talentozinho agradável" (SIC). Sua força criadora não pode ser reprimida, e poderá pressioná-lo de tal forma a restar pouca energia psíquica às demais atividades, algo que muitas vezes se torna um obstáculo em sua vida. Devido a isso, observamos algumas características comuns a esses artistas.

Muitas vezes o artista não consegue se adaptar às exigências do meio pois o inconsciente lhe subtrai a energia da consciência que seria utilizada a esse propósito. O estereótipo do artista incompreendido e de certa forma exilado da sociedade ilustra bem esse fato: muitas vezes esses indivíduos não conseguem se comunicar com os demais da mesma forma com que se comunicam com o próprio inconsciente. A adaptação ao meio exige certo controle da atenção consciente, algo que o imperativo dos arquétipos inconscientes ativados chega a suplantam, gerando uma enorme tensão e desconforto.

De um lado vemos uma força inconsciente que pressiona e exige expressão. De outro, as ânsias e exigências do homem comum, como o avanço na carreira, o sustento da família, etc. Podemos observar que alguns artistas optam pelo descaso em relação a essas últimas exigências, refugiando-se no ostracismo e, muitas vezes, acusando a própria sociedade de não lhes oferecer as devidas oportunidades. Sofrem por se verem de certa forma marginalizada por essa sociedade.

Tal tendência à inadaptabilidade sofrida pelo indivíduo criativo é uma consequência do chamado "rebaixamento do nível mental", que ocasiona a perda do interesse nas atividades conscientes e a descida aos níveis arcaicos da psique. O nível de consciência rebaixado também ocasiona a conhecida preponderância do amoral sobre o ético em alguns artistas, assim como uma infantilidade comumente vista com maus olhos pela comunidade em geral. Hoje em dia, é nas excentricidades de algumas pessoas famosas que as peculiaridades éticas e morais se manifestam de forma mais patente.

Talvez seja exatamente devido à conduta excêntrica, original ou extemporânea que a mente criativa seja capaz de exteriorizar aquilo que os demais não vêem. Enquanto todos voltam sua atenção às tarefas cotidianas mais burocráticas e enfadonhas, esses indivíduos estão literalmente imersos na psique: eles experimentam como uma realidade viva muito do que o homem em geral ignora.

São os anseios, as imagens e experiências ignoradas pela maioria das pessoas comuns justamente o que desponta de forma irresistível e muitas vezes aflitiva na consciência do homem criativo, o qual muitas vezes surge como cura para o modo de vida unilateral da época em que vivemos: "Partindo da insatisfação do presente, a ânsia do artista recua até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e unilateralidade do espírito da época." (JUNG: 1991, §130). Jung fala aqui da enantiodromia, a tendência de qualquer atitude ou estado a originar aquilo que seria o seu oposto.

Segundo ele, toda tendência geral é necessariamente uma atitude unilateral. O homem comum é afetado pela tensão desses opostos de forma bem mais branda do que o homem criativo. Este, por estar em contato com o inconsciente de uma forma mais direta, tende a corrigir essa unilateralidade inconscientemente com sua obra. Dessa forma, a obra de arte, ao trazer à tona uma realidade inconsciente, tem a função social de orientar o espírito da época. Zarathustra surgiu com esse propósito na obra de Nietzsche, sob a forma de um salvador, ou sábio:

He (Zarathustra) is going to produce the enantiomorphism, he is going to supply mankind with what is lacking, with that which they hate or fear or despise, with that which the wise ones have lost, their folly, and the poor ones the riches. In other words he is going to supply the compensation¹. (JUNG: 1988, p.19)

É conhecida a idéia de que a extrema criatividade de alguns artistas os aproxima muito da loucura. Temos muitos exemplos de indivíduos criativos que manifestaram sintomas graves de doença mental, sendo Van Gogh e Nietzsche alguns dos mais ilustres. Tal proximidade entre a criatividade e a psicose se deve à influência exercida, em ambos os casos, pelo inconsciente coletivo, que é a fonte comum de imagens primordiais compartilhada na produção psicótica e nas expressões artísticas.

Jung percebeu, já no início de sua carreira, que a produção de alguns pacientes estava repleta de mitos e símbolos universais, isto é, que muitos desenhos e esculturas produzidos por esses pacientes representavam arquétipos com os quais eles jamais haviam entrado em contato conscientemente. Foi dessa forma que postulou o inconsciente coletivo, que diferentemente do inconsciente freudiano, não é um reservatório de memórias e experiências reprimidas pelo ego, mas um substrato que transcende nossas vivências pessoais.

A obra de William Blake, por exemplo, dificilmente poderia ser resultado de sua experiência pessoal no mundo.

Por outro lado, foi apenas através da insanidade que alguns indivíduos produziram o que há de mais importante em suas obras. A inspiração de Sylvia Plath, famosa escritora americana, é interrompida quando ela finalmente encontra equilíbrio na figura de Ted Hughes, durante seu casamento. O contato com o inconsciente e, conseqüentemente, a produção criativa, foi retomada apenas após a separação, com o surgimento de um estado patológico deflagrado pela crise de seu casamento. Alguns indivíduos são produtivos apenas enquanto o rebaixamento do nível mental se faz presente, não conseguindo manifestar sua criatividade quando existe um vínculo forte com a realidade.

Seria arriscado dizer que tais indivíduos deveriam procurar aquilo que os vincula à realidade para manter a consciência. Entretanto, em sua autobiografia o ex-editor dos poemas de Sylvia Plath, Al Alvarez, acredita que alguns artistas pagam um preço alto em troca do mergulho no inconsciente:

I had always believed that genuine art was a risky business and artists experiment with new forms not in order to cause a sensation but because the old forms are no longer adequate for what they want to express. In other words, making it new in the way Sylvia did had almost nothing to do with technical experiment and almost everything to do with exploring her inner world - with going down into the cellars and confronting her demons.² (ALVAREZ: 1999, p. 56)

Alguns escritores, entretanto, não necessitam abrir mão da consciência para expressar o inconsciente, isto é, eles exploram tal "mundo interior" de forma mais lúcida e não se vêem tão inundados pelo conteúdo simbólico arrebatador. Nesse sentido, é também o nível de consciência mantido quando se vivencia o inconsciente aquilo que separa a arte da doença mental. Ao contrário do que acredita Alvarez, a arte em si talvez não seja um negócio arriscado, pois surge como consequência de um comprometimento, e muitas vezes, pode ainda servir como uma função auto-organizadora da psique.

Um outro aspecto que pode intrigar considerando a linha tênue entre a arte e a doença mental é o fato de que as imagens universais produzidas na arte e na psicose podem representar os mesmos arquétipos. Além disso, é natural questionarmos qual seria a diferença entre a obra do artista e a produção da loucura, pois muitas vezes, sobretudo na arte moderna, a produção do artista é distorcida à maneira fragmentada e caótica da produção esquizofrênica. Em primeiro lugar, no doente mental a produção não possui um objetivo consciente, é antes um sintoma involuntário de sua personalidade fragmentada.

O artista, por sua vez, manifesta a tendência atual do inconsciente coletivo, uma vez que sua função, conforme mencionado, é a de solucionar a atitude unilateral da época. Ademais, a produção é vivenciada de forma diferente em ambos os casos:

A distorção do sentido e da beleza pela objetividade grotesca ou pela igualmente grotesca irrealidade é, no doente, uma manifestação consequente da destruição de sua personalidade. No artista, porém, é um propósito criativo. O artista moderno, longe de vivenciar e sofrer em sua criação artística a expressão da destruição de sua personalidade, encontra justamente na destrutibilidade a unidade de sua personalidade artística. (JUNG: 1991, §175)

Na arte e na doença mental o tratamento dado às imagens inconscientes tem uma aparente semelhança, que se manifesta na falta de sentimento e harmonia, na fragmentação e impulsos contraditórios, numa expressão esquizofrênica onde não há uma tentativa de comunicação:

Nada vem ao encontro de quem o contempla tudo se afasta dele, até mesmo uma beleza ocasional aparece apenas como um imperdoável atraso de uma retirada. É o feio, o doentio, o grotesco, o incompreensível e o banal que está sendo procurado, não para esclarecer, mas para disfarçar, um disfarce, porém, que não aproveita a quem está buscando, mas, qual névoa fria que procura esconderijo, paira, sem querer, sobre pantanais desabitados como um espetáculo que pode prescindir do espectador. (JUNG: 1991, § 209)

Não obstante tal tendência compartilhada, Jung nega que a obra de James Joyce, por exemplo, que possui "uma semelhança grave" (SIC) com a esquizofrenia, tenha os mesmos traços encontrados na doença mental comum. Resta assim a doença mental incomum, para a qual, segundo ele, a psiquiatria não tem critério, e a qual "pode ser uma espécie de sanidade mental, inconcebível para a inteligência mediana, ou um poder espiritual superior" (1991, § 173).

Finalmente, outra possibilidade de associarmos a psicose à arte é o fato de que em ambas observamos a presença de algo denominado por Jung de complexo autônomo. Trata-se de um conceito associado por Jung ao próprio nascimento de uma obra, pois "abrange quase todas as formações psíquicas que se desenvolvem em primeiro lugar bem inconscientemente e só a partir do momento em que atingem o valor limiar da consciência, também irrompem na consciência" (1991: p. 123). O complexo autônomo surge muitas vezes personificado e como não

pertencente ao próprio 'eu', e na doença mental, manifesta-se na forma de vozes, ou na identificação com personalidades históricas. Embora o indivíduo criativo seja, muitas vezes, dominado por tais complexos autônomos, isso por si só não caracteriza a doença mental, pois pessoas normais também são dominadas por eles. A diferença está na intensidade com que isso ocorre. Ainda que em todos os casos o complexo autônomo tenha a propriedade de dominar e influenciar a personalidade, na produção artística não se trata de fragmentos dissociados, mas de representações arquetípicas repletas de sentido.

Assim, percebemos que tanto a arte legítima quanto a loucura compartilham a imersão no inconsciente coletivo. O que parece existir também em ambas é a necessidade de transcender as imagens inconscientes, o que eventualmente ocorre com a ampliação da consciência. Podemos arriscar a hipótese de que o nível de profundidade alcançado em tal mergulho e o nível simultâneo de consciência é o que provavelmente define o impacto da obra em determinada época.

1. Ele (Zarathustra) produzirá a enantiodromia, suprirá à humanidade do que está faltando, do que ela necessita, daquilo que as pessoas odeiam ou desprezam, a tolíce aos sábios, a pobreza aos ricos, ou seja, Zarathustra promoverá uma compensação.

2. Sempre acreditei que a verdadeira arte é um negócio arriscado e os artistas experimentam novas formas não para causar sensação, mas porque as antigas não são mais adequadas para o que desejam expressar. Em outras palavras, inovar do modo com que fez Sylvia não teve quase nenhuma relação com experimentação técnica e relacionava-se quase totalmente com a exploração de seu mundo interior – com descer os porões e confrontar seus demônios.

Referências:

- ALVAREZ, A. Where Did It All Go Right? Londres: Richard Cohen Books, 1999.
- JUNG, C.G O Desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.
- _____ Jung's Seminar on Nietzsche's Zarathustra. Princeton: Princeton University Press, 1988.
- _____ O Espírito na Arte e na Ciência. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.
- _____ Cartas Vol I. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.